

Da consciência política de José Leite de Vasconcelos. Achegas para a compreensão do seu pensamento e do seu exemplo

JOSÉ CARDIM RIBEIRO*

RESUMO

Pretende-se, neste texto, evidenciar a dimensão política do pensamento e vivência de José Leite de Vasconcelos, contrariando a ideia generalizada – até mesmo junto de alguns dos seus mais queridos discípulos – de que, nesse âmbito, o austero Mestre se ficara por algumas considerações vagas e meramente pontuais.

Na verdade, Leite de Vasconcelos estava consciente da decadência das instituições, da política, cultura e sociedade portuguesas suas contemporâneas, nas quais não se revia e que publicamente criticava. Toda a sua obra, todos os seus empreendimentos, desde o início e até aos últimos dias, foram uma desmedida e militante luta sem tréguas entre a sua nobre concepção de Portugal, do Povo Português, da sua História e dos seus valores e a “institucionalizada” mediocridade e ignorância circundantes.

Porque, pese embora ter elegido Portugal e o Povo Português como temas únicos do seu estudo e da sua vida, Leite de Vasconcelos possuía uma visão alargada das coisas e era essencialmente, como bem viu Vitorino Nemésio, «um ânimo universal de português europeu».

Palavras-chave: Leite de Vasconcelos – Atitude política – Portugal – Povo Português

* Director do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, Sintra.

ABSTRACT

This paper's aim is to highlight the political dimension of José Leite de Vasconcelos' thought and experience, contradicting the general idea – even within the circle of his most cherished disciples – that the austere Master had only referred to political matters in rather vague terms.

Indeed, Leite de Vasconcelos was well aware of the decadence of Portuguese institutions, politics, culture, and society of his time, with which he did not sympathize and openly criticised. His entire work and projects, from the beginning until the very end, has been a long battle between his noble idea of Portugal, of the Portuguese people, of its History, its values and the surrounding “institutionalized” mediocrity and ignorance.

Although having chosen Portugal and the Portuguese people as unique subjects of his life and studies, Leite de Vasconcelos was a broadminded man and, as Vitorino Nemésio well observed, he basically was «a Portuguese European with a hint of universal character».

Keywords: Leite de Vasconcelos – Political attitude – Portugal – Portuguese people

A quase totalidade dos seus contemporâneos, bem como a maioria dos vindouros – e, mesmo, muitos de nós, que nos dedicamos a idênticas pesquisas e que conhecemos, com relativa profundidade, pelo menos algumas das suas obras – imaginamos Leite de Vasconcelos inteiramente mergulhado nos seus estudos e assoberbado, desde o raiar da aurora ao sol posto, pela imensa quão díspar quantidade de assuntos com tais investigações relacionados – e, por isso mesmo, praticamente alheio a todas as restantes realidades e algo despegado do vulgar quotidiano circundante.

Este suposto quadro parece não diferir desde os precoces anos em que decididamente se entrega às ciências da sua paixão, até aos tempos mais avançados do já debilitado octogenário – que, no entanto, ainda agora consagra ao estudo e à escrita para cima de 8 horas diárias! (cf. Correia, 1960, p. 15).

Arquétipo, aliás, que virtualmente encontraria plena confirmação não apenas num sem-número de episódios biográficos de todos conhecidos – e sobre os quais, portanto, não nos alongaremos –, mas ainda, e sobretudo, na complexidade e desmedida amplitude da própria obra, quer a publicada quer a inédita, que ambas somam várias dezenas de milhares de páginas!...¹

Seria, pois, Leite de Vasconcelos um ser todo ele cerebral, desprovido de afectos e hermeticamente fechado na sua “torre de marfim”, fora do mundo e apenas interessado na Ciência pela Ciência?

¹ Veja-se, por exemplo, a impressionante «Bibliografia de José Leite de Vasconcelos» que Isabel Vilares Cepeda coligiu para o *Livro do Centenário* – e que, apesar de não ser totalmente exaustiva, apresenta já o extraordinário quantitativo de 1.243 diferentes títulos!

Talvez este perfil se afigure para muitos necessário e complementar àquele outro com que iniciámos este texto – e assim imaginem o austero Mestre por detrás da sua imensa e intrincada obra... «E, no entanto, nada mais errado!» (Heleno, 1960, p. 45).

Sem dúvida que Leite de Vasconcelos foi uma mente poderosa, aquilo que, sem vulgaridade, poderemos chamar uma inteligência rara; mas a todo o seu pensamento, a todas as suas acções, subjaz uma intensa e profunda afectividade – e é esta, mais do que qualquer outra coisa, que comanda e determina a sua vida.

Se lermos com atenção os escritos que nos legou – incluindo as “palavras prévias”, “prefácios”, notas de rodapé e outros pequenos textos do género, que tantos julgam dispensáveis –, bem como a correspondência e o inapreciável depoimento dos que com ele lidaram de perto, destacando-se aqui o dos amigos e discípulos – ou dos discípulos amigos – que colaboraram no *Livro do Centenário*, torna-se clara e evidente a dimensão humana de Leite de Vasconcelos, e verifica-se que apenas esta explica e sustém o cientista. Leite de Vasconcelos, por muito amar, muito estudou, muito pesquisou e muito escreveu.

Esta última frase pode e deve ser lida de duas maneiras, diferentes mas indissociáveis, que uma conduz à outra em ininterrupta e incontrolável espiral: pelo incomensurável amor ao tema dominante dos seus estudos, o Mestre prescindiu de muitos dos naturais afectos da vida humana, não os procurando, ou assujeitando-se resignadamente ao destino quando este dele desviou tais alegrias; e esta continuada situação mais veio a adensar e a intensificar o amor pelo estudo, não só fonte de ciência mas, sobretudo, fonte quase única de afectos para este homem sensível e superiormente dotado.

Ora, em última análise, como poderemos pois definir o tema, ou assunto, que de tal forma apaixonou e dominou Leite de Vasconcelos durante toda a sua vida? Em termos ideológicos clássicos, supomos que a génese e a chave explicativa de todo o pensamento e de todas as consequentes acções deste homem invulgar se podem sintetizar numa única palavra: *Pietas*.

A *Pietas*, desde criança ensinada à cabeça e insinuada ao coração, transmitida e desperta por voz feminina, quase sempre materna – como no caso de Leite de Vasconcelos; a *Pietas*, sustentáculo e porta da *Religio*, da veneração dos maiores, do amor pelo torrão natal, do apego pelas suas tradições...; a *Pietas*, cuja aturada e fervorosa prática conduz à *Virtus*, e esta à *Victoria* – libertando-nos assim da irracional escravidão das baixas paixões e abrindo-nos as intemporais portas da Heroização...

Assim terá sido educado José Leite de Vasconcelos em menino, na sua terra beirã e no seio de uma culta embora empobrecida família nobre de tendência



Fig. 1 – Leite de Vasconcellos o povo e as tradições.

liberal – por certo não na pureza dos princípios estóicos antes enunciados, mas, sem dúvida, segundo o reflexo desses mesmos ideais, patentes e enraizados que se encontram na tradicional formação cristã.

Ao natural apego a todos estes valores por parte da criança, que os interioriza na mais profunda sede dos seus afectos, não veio a suceder em Leite de Vasconcelos o seu habitual e singelo abandono ou esquecimento na idade da razão, mas antes a sua sublimação como consciencializados fundamentos de uma voluntária, quão imperiosa, missão a cumprir, como lídimos e preponderantes objectivos e guias vivenciais. E, nesta inesperada reacção, nesta inusitada opção, reside a base de toda a diferença entre o destino único de Leite de Vasconcelos e o de tantos e tantos dos seus concidadãos e contemporâneos da mesma forma educados. Leite de Vasconcelos pessoalizou e fez seus os valores gerais da paidéia cristã do seu tempo, despidendo-os embora de ritos e sectarismos e adaptando-os a um pensamento laico, cívico e racional.

Foi talvez esta a melhor maneira que Leite de Vasconcelos encontrou para ainda assim tentar preservar a «página de ouro da (sua) meninice»², como ele próprio chama à idade da inocência, agora que a razão lhe abalara fortemente as mais cândidas convicções dos tenros anos. Mas, pelos vistos, a razão destruiu-lhe os detalhes, as roupagens exteriores, mas não a essência das suas crenças – que, no adulto, transmutadas em razões necessárias e em incontornáveis desígnios, obstinadamente lhe moldam toda a vida; com o mesmo entusiasmo e absorção, aliás, que em geral, mostram os mais jovens pelas coisas do seu pequeno mundo, para eles e entre todas, sem dúvida, as mais sérias e importantes...

E, nesta perspectiva, acaso não poderemos ver em Leite de Vasconcelos não tanto esse velho sábio de todos nós familiar, mas sim antes uma eterna criança que, perseguindo sem descanso e apaixonadamente determinado projecto em que acreditava firme e tenazmente, deixou passar o tempo sem dar por tal, chegando-lhe a velhice – e mesmo a morte – como que algo súbito e que não se espera? A desesperada luta do octogenário com os seus inumeráveis papéis – e com o tempo e as suas próprias forças, que fraquejavam –, tentando redigir ainda a sua monumental *Etnografia Portuguesa*, sem no entanto desfalecer nos pormenores e no compassado ritmo da escrita e do pensamento – pois que, afinal, os três grossos

² «...Amava com o fervor dos primeiros anos e com o coração repleto de crenças. / Os meus lábios pronunciavam cheios de fé as orações da igreja, e no colo de minha mãe, ou nos degraus da aldeia do meu povo, sempre meu pensamento se elevava aos Céus, puro e imaculado como o aroma da flor da Primavera. / Hoje mudou tudo; jaz no chão rasgada a página de ouro da minha juventude querida.»... Leite de Vasconcelos - *Uma Página da Minha Vida*, 20 de Janeiro de 1878 (cit. por Guerreiro, 1960, p. 131).

primeiros volumes que logrou deixar completos praticamente mais não são do que a simples introdução de tão vasta quão ambiciosa obra –, parecem confirmar-nos esta outra forma de encarar a sua figura: a de uma eterna criança! E, como todas, sincera, generosa, afectiva e obstinada...

A personalidade de Leite de Vasconcelos é, pois, muitíssimo mais complexa e rica do que o estereótipo que dele comumente se formou. Inteligência fora do vulgar, sem dúvida, sábio profundo e da mais sólida erudição – aliada a um entusiasmo quase pueril –, memória prodigiosa e raciocínio brilhante na harmoniosa e profícua conjugação de múltiplos e diversificados campos de investigação e estudo, que “domestica” e converge num discurso coerente de abrangência sincrética e de finalidade superior. Lidas e meditadas uma, duas, três das suas obras, mesmo que, entre elas, alguma das mais longas e significativas – como as *Religiões da Lusitânia* –, mais não se fica a conhecer do que determinadas facetas avulsas de um caleidoscópico pensamento, posto todo ele ao serviço de uma única causa maior: o conhecimento da “Portugalidade” – entendendo-se por tal o conhecimento do Povo Português e da Cultura Portuguesa; ou, melhor, das culturas e dos povos que, ao longo dos tempos e em continuidade, viveram no território actualmente designado como Portugal.

Não vamos discutir agora a pertinência científica, ou não, desta perspectiva e desta abordagem; embora a estimulante e exemplar imagem do “Conglomerado Herdado” utilizada mais recentemente por Dodds nos possa fornecer um novo instrumento conceptual e até actuante que, sem dúvida – e até certo ponto –, permite uma actualizada e profícua releitura das teses leiteanas, matizando-as embora e – mais do que tudo – “desnacionalizando-as”... Aqui interessa-nos, sobretudo, compreender que a aprofundada investigação da “Portugalidade”, em todas as suas raízes e tradições culturais, era, para Leite de Vasconcelos, não apenas um inócuo motivo de estudo, mas sim uma apaixonada e imperiosa missão que lhe ditava e impunha o seu mais profundo e autêntico sentimento de *Pietas*. E, afinal, também de *Fides*, que o Mestre, declaradamente, não experimentava para com governantes, grupos ou regimes políticos, mas sim – na larga escala do seu pensamento, das suas concepções e dos seus afectos – para com a Pátria e o Povo Português.

Poderemos dizer que, na educação e no caminho espiritual – entendido este no seu mais lato sentido – de Leite de Vasconcelos, se formou primeiro a *Pietas* e que foi esta que a pouco e pouco o conduziu à *Fides*; mas, porventura, é este

o percurso natural que leva os sentimentos da criança aos do adulto. E, por fim, *Pietas* e *Fides* fundem-se numa só concepção, numa mesma experiência de vida e num único objectivo – simultaneamente pessoal e político.

E aqui tocamos, pela primeira vez explicitamente, na dimensão de Leite de Vasconcelos como político. Que o amor à Pátria e ao Povo Português estão na base de toda a sua obra e demais actividades, que lhe consomem todo o seu tempo e existência, tendo mesmo marginalizado ou obscurecido outras legítimas vertentes vivenciais, é facto averiguado e consabido, que todos afirmam e de que ninguém duvida.

Como é então possível que um dos seus mais queridos discípulos, que com ele lidou de perto ao longo dos últimos anos, tenha afirmado que, em matéria política, Leite de Vasconcelos se ficara por algumas considerações vagas e meramente pontuais? (cf. Guerreiro, 1960, p. 127).

Supomos que, para esta compreensão reduzida do pensamento político de José Leite, se erguem desde logo duas razões, uma circunstancial e, a outra, verdadeiramente de fundo. Quanto à primeira, tem ela certamente a ver com a fase tardia e algo perturbada da vida de Leite de Vasconcelos, durante a qual aquele e outros discípulos mais lidaram com o Mestre: aos 80 anos, obstinadamente concentrado na elaboração da sua *Etnografia Portuguesa*, cada vez mais dificultada pelo envelhecimento, pela doença e pelo implacável escoar do tempo, desiludido também de muitos aspectos da sociedade e da vida, decerto perturbado pela proximidade da morte e pela inexorabilidade de deixar tão incompleta a sua obra, Leite de Vasconcelos não se detém, nesta fase, senão a falar do essencial quer para o avanço dos seus trabalhos, quer para o normal desenrolar das coisas elementares do dia a dia – sem contar com alguns naturais desabafos e confidências de índole mais vincadamente pessoal. Mas a causa principal, de fundo, que aos olhos de quase todos – mesmo de alguns escolhidos discípulos – lhe conferia a aparência de um ser apolítico, creio residir no facto de a consciência e acção de Leite de Vasconcelos neste campo se moverem sempre ao nível dos grandes princípios e das grandes ideias, e não das doutrinas específicas³, nem das coisas pragmáticas e imediatistas dos tempos correntes – sobre as quais, aliás, nunca deixou de

³ «Não estudou... sistemas políticos» (Guerreiro, 1960, p. 127).



Fig. 2 – Leite de Vasconcellos e o poder esclarecido: com o Presidente da República Dr. Manuel de Arriaga. «É uma fortuna quando à frente dos Ministérios (...) estão pessoas ilustradas»....

emitir certas opiniões, na verdade absolutamente justas e coerentes com a sua visão superior da Pátria e do Povo, razões e objectivos supremos da sua missão e de toda a sua vida.

Falando claro, Leite de Vasconcelos estava inteiramente consciente da decadência e baixeza das instituições, da política, cultura e sociedade portuguesas suas contemporâneas, nas quais não se revia e com as quais, de forma alguma, pactuava. Toda a sua obra, todos os seus empreendimentos, desde o início e até aos últimos dias, foram uma desmedida e militante luta sem tréguas entre a sua nobre concepção de Portugal, do Povo Português, da sua História e dos seus valores, e a “institucionalizada” mediocridade e ignorância circundantes.

Muitos recordarão, por certo, no prólogo ao primeiro volume d'*As Religiões da Lusitânia* (1897, p. VIII), a seguinte célebre frase de Leite de Vasconcelos: «...através dos mil espinhos do assunto, busquei projectar alguma pouca luz numa das matérias mais obscuras e mais desconhecidas da nossa antiga história...». Mas quantos conhecerão o parágrafo que se segue e que afirma, sem escondimentos ou subterfúgios?: «Quando um povo, em virtude das más cabeças dos homens que o constituem, ou de condições históricas e gerais, está em decadência, como o nosso, permita-se ao menos aos que amam a terra em que nasceram furtar-se, pela contemplação e estudo das cousas do passado, às misérias do presente.»

Querer-se-á declaração política mais contundente?

Não se trata, porém, de um desabafo isolado ou circunstancial. No volume terceiro da mesma obra, também no prólogo (1913a, p. X), refere-se a um país, Portugal – e, de modo embora indirecto, a algumas das suas pseudo-elites –, «onde até há insensatos que zombam dos trabalhos de erudição, como se sem estes se pudesse com sinceridade ensaiar qualquer estudo de História, e como se o presente não proviesse do passado!» E, nas “Palavras Prévias” do primeiro volume d'*O Archeologo Português* (1895, p. 2), nota, através da seguinte frase, a raridade das felizes circunstâncias políticas que lhe permitiram fundar o Museu Etnográfico Português – e, agora, publicar aquela revista: «É uma fortuna quando à frente dos Ministérios e das Repartições oficiais estão pessoas ilustradas, e de inteligência clara, que não curam só de burocracia, mas dão também atenção directamente aos assuntos científicos». Poucos anos antes, no “Prólogo” à *Revista Lusitana* (1887, p. 1) e após afirmar que «a renovação intelectual, por que o presente século está passando, impõe a todos os países que pensam o dever de contribuir com o seu óbolo para o progresso geral», ressaltava que a publicação daquele órgão científico viesse a ser «empresa talvez temerária no meio da apatia moral e intelectual da maior parte da nossa sociedade.»

Quase tudo isto escreveu Leite de Vasconcelos ainda nos últimos anos da Monarquia. Mas a Primeira República, na essência das coisas – que era o que lhe interessava –, não trouxe alterações, e o Mestre, já com mais de meio século de idade, vê-se confrontado com a mesquinhez alcandorada ao poder através de um ignóbil deputado que lhe move destruidora perseguição. «Estou já muito fatigado de refutar vilanias – diz Leite de Vasconcelos (1913b, p. 35) –, e de perder tempo, que eu podia empregar utilmente nos meus estudos, tempo que eu não perderia, se, em vez de viver em Portugal, vivesse na França, na Alemanha, na Itália, ou noutro país de grande civilização, porque aí dá-se apreço a quem trabalha com consciência e dedicação»...



Fig. 3 – Leite de Vasconcellos o Museu e os testemunhos materiais do passado.

E no fim da vida, já em pleno Estado Novo, «lastimava – segundo testemunho de Manuel Viegas Guerreiro (1960, p. 127) – que homens de Ciência tivessem enveredado pelo caminho da política», em tão má conta tinha esta última...

Leite de Vasconcelos, numa atitude manifestamente patriótica – e, por isso mesmo, política –, elegeu Portugal e o Povo Português como temas dominantes ou absolutos do seu estudo e da sua vida. Porém, nem a Monarquia em crise de valores, nem a jovem República em busca dos mesmos, nem o Estado Novo na sua assumida postura nacionalista, nenhum desses regimes, nem nenhum dos homens, grupos ou partidos que os representam ou sustentam, entendeu útil e oportuno alicerçar, no pensamento e na obra de José Leite, alguns dos seus programas ideológicos que, mais de perto, pareceriam aproximar-se das matérias estudadas pelo Mestre e da visão de “Portugalidade” por ele defendida – embora, de forma algo vaga e descomprometida, todos o reconhecessem como um dos maiores e mais sábios portugueses do seu tempo...

Ao que parece, quase que poderemos dizer que ele – que nunca pertenceu a nenhuma clientela política, ou outra – foi, com raras exceções de alguns (poucos) governantes esclarecidos, mais temido e meramente tolerado pelos poderes seus contemporâneos, do que conhecido, compreendido e amado...

E hoje, passado quase um século, terá Portugal finalmente percebido e aproveitado convenientemente a obra e o génio de Leite de Vasconcelos? Temo ser obrigado a responder pela negativa...

A sua obra já por quase ninguém é lida, para além de um restrito círculo de especialistas – e mesmo estes privilegiam apenas uns quantos livros e artigos mais directamente relacionados com as suas próprias e imediatas investigações... De numerosos livros e artigos nunca se procedeu a nova edição, encontrando-se desde há muito esgotados nas livrarias.

Neste contexto, é óbvio que nunca se pensou seriamente na publicação da *Obra Completa*, empreendimento decerto hercúleo mas imprescindível não só para melhor se conservar, mas mesmo para se compreender, na globalidade, o pensamento e o alcance das pesquisas empreendidas pelo Mestre – esse «vastíssimo corpus do povo português, desde as mais remotas origens até aos nossos dias», esses verdadeiros «*Monumenta Ethnica* de Portugal», conforme palavras de Orlando Ribeiro (1960, p. 83-84). Sem dúvida que a *Obra Completa* de Leite de Vasconcelos viria a constituir um dos pilares cimeiros da Cultura Portuguesa

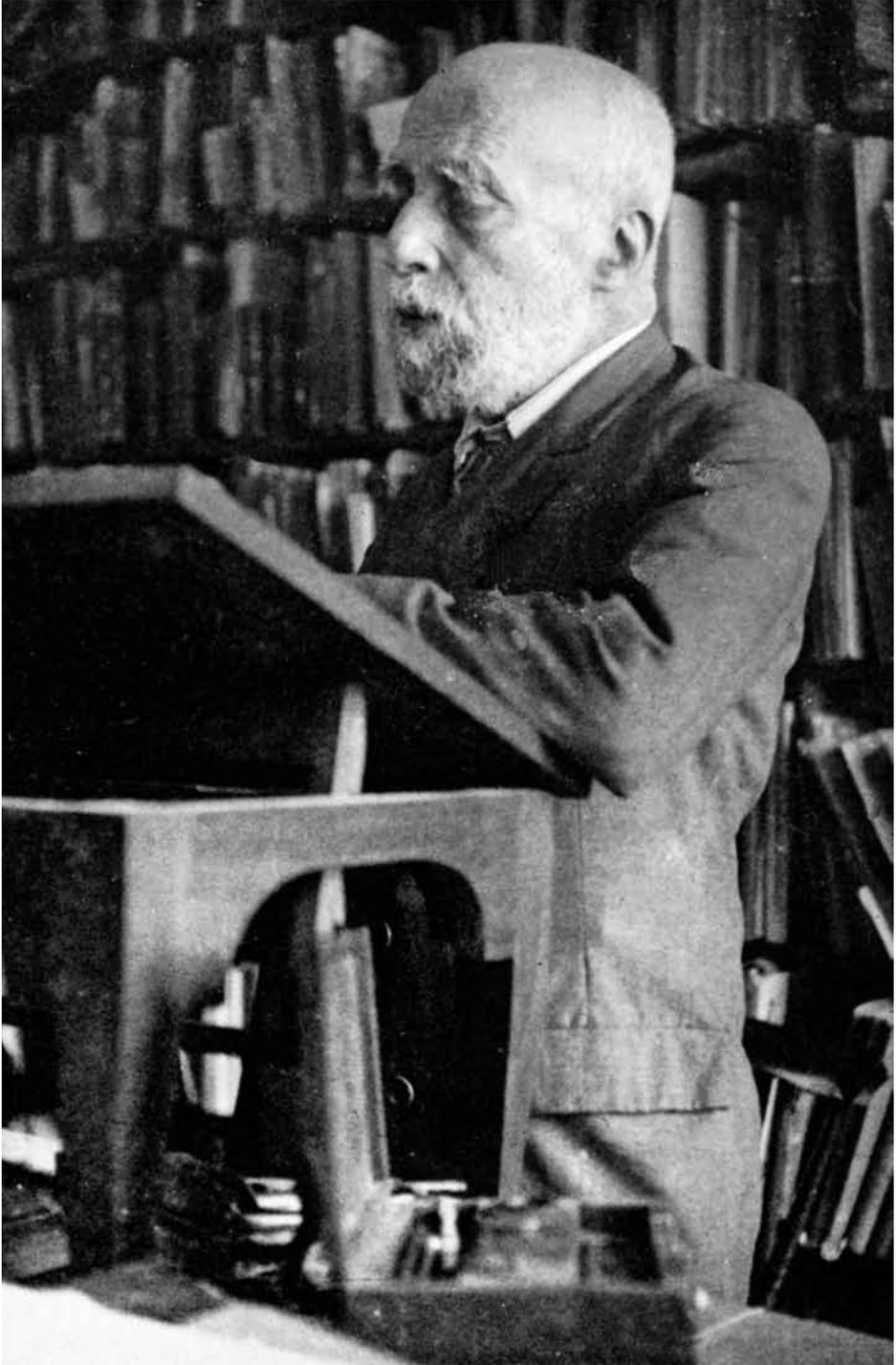


Fig. 4 – Leite de Vasconcellos a escrita e os livros.

de todos os tempos – e, por isso, consideramo-la verdadeiramente um *imperativo nacional*.

Até porque o exemplo do Mestre permanece actual e faz falta às novas gerações. Com ele, além da seriedade pessoal e científica, do amor pela verdade e pelo conhecimento, do espírito de missão e da generosidade com que espontânea e continuamente se entrega às causas em que acredita, da possibilidade e utilidade em cruzar sentimento e razão, do estudo profundo das nossas tradições e raízes, e de muitas mais coisas proveitosas que nos dispensamos de enumerar, as novas gerações – e todos nós, também, já algo adentrados na idade – podem e devem aprender com José Leite de Vasconcelos a independência – de pensamento e não só – relativa aos pequenos ou grandes poderes políticos, aos grupos e mesmo aos regimes.

Nesse aspecto das clientelas partidárias e quejandas, tal como tantas vezes na alegre evidência da ignorância sobre o verdadeiro conhecimento, ou na entusiástica exaltação de modas e aparências em desfavor do trabalho profundo e sério, ou ainda no néscio optimismo “politicamente correcto” que mascara a dura realidade – e, assim, impede a sua consciencialização, análise e desejável superação –, o Portugal dos alvares do séc. XXI não difere assim tanto do Portugal leiteano...

É por isso que o pensamento e o exemplo de José Leite de Vasconcelos, também na sua dimensão política e ética, fazem falta a um país e a uma sociedade que hoje, de novo, se desejam afirmar como livres, civilizados e culturalmente avançados. Porque o Mestre, na tão rara quanto lúcida visão de Vitorino Nemésio (1960, p. 107) – bem afastada do costumeiro estereótipo do sábio distante e ensimesmado –, era verdadeiramente e «sobretudo um ânimo universal de português europeu».⁴

⁴ As fotografias que ilustram este texto foram seleccionadas a partir da obra de COITO, L. C.; CARDOSO, J. L.; MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcellos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Verbo.



Fig. 5 – Leite de Vasconcellos e os afectos: com sua gata «D. Loba».

BIBLIOGRAFIA

- CEPEDA, I. V. (1960) – Bibliografia de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 139-265.
- CORREIA, J. da S. (1960) – Algumas notas biográficas sobre José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 3-30.
- GUERREIRO, M. V. (1960) – Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 109-137.
- HELENO, M. (1960) – Algumas palavras sobre José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 45-51.
- NEMÉSIO, V. (1960) – Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 101-107.
- RIBEIRO, O. (1960) – Vida e obras de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 65-100.
- VASCONCELOS, J. L. de (1887) – Prologo. *Revista Lusitana*. Porto. S. 1, v. 1, p. 1-2.
- VASCONCELOS, J. L. de (1895) – Palavras prévias. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1, v. 1, p. 1-2.
- VASCONCELOS, J. L. de (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Sociedade de Geografia. vol. 1.
- VASCONCELOS, J. L. de (1913a) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. 3.
- VASCONCELOS, J. L. de (1913b) – *Defensão do Museu Etnológico Português contra as Arguições que um Sr. Deputado lhe fez no Parlamento*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.